

*O tempo tem tempo de tempo ser  
O tempo tem tempo de tempo dar  
Ao tempo da noite que vai correr  
O tempo do dia que vai chegar  
(Pauapixuna – Paulo André e Rui Barata)*

É com muita satisfação que o Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” – HISTEDBR/Secção Pará apresenta este número especial da revista com o tema “Instituições Escolares da Amazônia”. Os artigos que compõem esta edição contemplam as multidimensões dessas instituições escolares, que se formam/transformam em diferentes *tempos*. Os olhares dos autores desta edição são, em sua maioria, do *norte*, seja do norte de Portugal, Universidade do Minho – Braga, de onde falam os autores do artigo internacional, seja do norte do Brasil, Universidade Federal do Pará, Universidade do Estado do Pará, Universidade da Amazônia, Universidade Federal do Oeste do Pará, Universidade Federal do Acre, de onde falam os demais autores. Porém, ultrapassando as linhas geográficas da Região Norte, mas sem ultrapassar as fronteiras da Amazônia, apresentamos também um artigo dos pesquisadores parceiros da Universidade Federal do Maranhão. E, para além das linhas e fronteiras amazônicas, finalizamos com o texto das pesquisadoras do norte do Paraná, da Universidade Estadual de Londrina, totalizando os dezesseis artigos apresentados a seguir.

Parte-se de um **tempo presente** com o artigo “Currículo e autonomia na escola portuguesa. Uma análise crítica da centralização nos ensinos básico e secundário”, no qual José Augusto Pacheco e Micaela Marques focam as políticas educativas em Portugal e analisam de modo crítico as mudanças acontecidas na escola e no currículo. Os autores apresentam a noção de escola como organização produtiva e as formas de governação curricular centradas em testes.

Segue-se do plano **global para o local** com o artigo de Maria José Aviz do Rosário e Clarice Nascimento de Melo, intitulado “Grupo Padre Luiz Gonzaga – Bragança-PA: arquivos, método e fontes da História da Educação da Amazônia, no século XX”, que destaca a necessidade de recuperar e disponibilizar a história e memória dessa instituição escolar, de formação do povo bragantino, nos anos de 1960. As autoras ainda discutem o conceito e importância de método de trabalho com as fontes históricas, articulando o conhecimento mais geral sobre a formação educacional paraense e brasileira.

Em uma **volta aos tempos** de 1870, Rogério Guimarães Malheiros e Genylton Odilon Rêgo da Rocha apresentam no artigo “A Escola Normal do Pará: o nuncio legalista para formação de professores”, uma análise dos discursos dos Presidentes para depreender os objetivos destes para a implantação de uma Escola Normal, bem como, a ambiência política e social em que foram construídos estes discursos em favor do modelo “normalista” de formação de professores.

Na **mesma linha temporal**, com o foco na educação religiosa, seguem os artigos “A igreja como educadora: o Asilo de Santo Antônio formando a mulher cristã de trabalho e piedade (1878-1888)” de Benedito Gonçalves Costa e Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França e “Ensinando a ser padre na Diocese do Pará nos oitocentos” de Allan Azevedo Andrade e Fernando Arthur de Freitas Neves. No primeiro, os autores põem em perspectiva o papel da Igreja Católica no campo da educação religiosa na Amazônia

paraense, tendo como foco de análise o Asilo de Santo Antônio, criado para educar meninas desvalidas e pensionistas na capital da Província do Pará em 1871. Enquanto que, no segundo, os autores têm como objetivo a análise da implantação do Ultramontanismo na Amazônia por meio dos centros de formação sacerdotal, durante o bispado de D. José Afonso de Moraes Torres, que esteve à frente da Diocese do Pará entre 1844 e 1857.

Ainda sobre os **tempos de oitocentos**, temos dois outros artigos. Os autores Samuel Luis Velázquez Castellanos e Cesar Augusto Castro, em seu texto “Uma instituição de ensino popular no Maranhão Império: a Sociedade Onze de Agosto”, examinam o processo de criação dessa instituição tendo como foco de reflexão a obra *O Ensino Público* de Antônio da Almeida Oliveira, publicada em 1870, de modo a compreender o lugar que a Sociedade Onze de Agosto ocupou na Província do Maranhão oitocentista e as suas diversas atuações no cenário educacional e cultural. Enquanto que José Maia Bezerra Neto, em seu artigo “O cotidiano mais do que perfeito. Instrução e sociabilidades femininas sob vigília no Recolhimento das Educandas (Belém – Grão-Pará, 1840)”, destaca o período em que esta instituição teve seu primeiro regulamento interno, em 1840, ano em que ocorreu a derrota da Cabanagem. O autor põe em foco este regulamento que retrata as medidas de controle social do cotidiano das alunas, constituindo prática delineadora da condição feminina em seu processo de formação pedagógica formal.

Chega-se aos **tempos iniciais da República** e retorna-se ao foco nas políticas educativas com o artigo “A política educacional consolidada por meio do Grupo Escolar Lauro Sodré no município de Moju-PA”, de Renato Pinheiro Costa e Paulo Sérgio de Almeida Corrêa, no qual objetivou-se identificar a importância geopolítica da criação do Grupo Escolar Lauro Sodré para o município de Moju dentro de um projeto político do Estado para implantação da política educacional republicana.

A educação feminina no Pará volta a estar em cena, desta vez em uma outra instituição e em **outros tempos**, apresentada por Celita Maria Paes de Sousa no texto “Fragmentos da História da Educação no Pará no início do século XX: Instituto Gentil Bittencourt, origem, organização e concepções”, que objetiva a recuperação da história do Instituto Gentil Bittencourt, instituição destinada a atender, prioritariamente, meninas desvalidas da região, como eram identificadas as meninas órfãs e pobres.

Outros olhares são lançados sobre a Escola Normal, dessa vez em **tempos republicanos**, nos artigos “A escola diante da cidade: representações utilizadas pela Escola Normal de Belém do Pará, 1890 a 1920, como mecanismo de legitimação”, dos autores Raimundo William Tavares Junior e Felipe Gustavo Pedrosa Souza, e “Aspectos históricos da formação de professores primários em Santarém no século XX: o legado das Escolas Álvaro Adolfo da Silveira, Santa Clara e São José”, das autoras Paula de Souza Ferreira, Solange Helena Ximenes-Rocha e Maria de Fátima Matos de Souza. No primeiro, os pesquisadores objetivam compreender as representações construídas para fazer com que a escola ganhasse visibilidade na cidade, legitimando o ideal de progresso, através de símbolos que a afirmavam e a fortaleciam junto com o projeto progressista em um novo contexto social. Enquanto que no segundo, as autoras pretendem entender a formação de professores do município de Santarém-Pará no século XX, a partir de pesquisa com fontes iconográficas e documentais relativas aos cursos normais implantados no Colégio Santa Clara, Escola São José e Colégio Álvaro Adolfo da Silveira.

Do ensino normalista ao ensino secundário, chega-se ao artigo “A educação secundária no Departamento do Alto Juruá (1904 a 1920): entre o desejo e a possibilidade”, de Andréa Maria Lopes Dantas, que versa sobre o processo de criação e implantação desta escola secundária, no período em que o Acre, ainda na condição de território, possuía uma organização administrativa departamental.

Segue-se com o foco sobre uma única instituição paraense de ensino secundário, dessa vez, sob olhares e **tempos diferentes**. Por um lado, a autora Bianca Ferreira de Oliveira apresenta dados a respeito da participação da figura negra na educação escolar paraense, a partir do Colégio Estadual Paes de Carvalho, em seu texto intitulado “Colégio Estadual Paes de Carvalho: registro sobre a presença negra na educação escolar paraense (1931 – 1942)”, no qual a pesquisadora utilizou como fonte o *livro para registro de histórico de funcionários*, encontrado no arquivo da escola, com registros do período de 1931 a 1942. Por outro, a autora Iza Helena Travassos Ferraz de Araújo, em seu artigo “A história da matemática escolar no Gymnasio Paes de Carvalho (1889-1930): um olhar sobre as fontes históricas”, objetiva analisar de que modo as fontes históricas relativas a história da disciplina escolar matemática, no período de 1889 a 1930, presentes no arquivo da escola, contribuem para o desvelamento dessa disciplina nessa instituição.

Alberto Damasceno, por sua vez, não foca sobre uma única instituição escolar, mas nas múltiplas que surgem nos anos pós-Revolução de 30, no artigo “Notas sobre a Educação Paraense na Segunda República”, o autor analisa o avanço no que se refere à oferta educacional nos seis primeiros anos do governo revolucionário, tanto quantitativamente com em termos de inovação pedagógica.

Para finalizar, volta-se ao **tempo presente**, dessa vez com o artigo “A invenção e (des)invenção da escola à luz da sociedade do espetáculo: algumas reflexões possíveis”, no qual as autoras Adriana Regina de Jesus Santos e Marta Regina Furlan de Oliveira analisam e refletem as dimensões que caracterizam este objeto de estudo, tecendo um olhar crítico e comprometido em torno dos saberes e práticas pedagógicas dos profissionais da educação.

Além dos artigos, apresentam-se também as resenhas de José Edimar de Souza e Jailton Oliveira, denominadas “O uso de fontes orais na pesquisa em História da educação” e “História da Educação no Rio de Janeiro”, respectivamente, e os resumos da tese “O projeto educacional da Itaipu Binacional (1974-1985): uma educação para cada vila e para cada fração da classe trabalhadora”, de Denise Kloeckner Sbardelotto Correio, e da dissertação “Educação e inclusão no Brasil (1985-2010)”, de Caio Augusto Toledo Padilha.

Este número especial foi organizado pelos professores/pesquisadores: Iza Helena Travassos Ferraz de Araújo, Maria José Aviz do Rosário, Genylton Odilon Rêgo da Rocha, Clarice Nascimento de Melo e Fernando Arthur de Freitas Neves, todos da UFPA. Sobre o Grupo HISTEDBR/Secção Pará e a História na Educação da Amazônia, estes professores acreditam que chegou o **tempo de ser** grupo consolidado, **tempo de dar** a conhecer nossas pesquisas/produções, **tempo de percorrer** novos horizontes, **tempo de chegar** na qualidade que almejamos! Aproveitem a leitura e **sigam a bússola!**

*Iza Helena Travassos Ferraz de Araújo*